

# As realizações do Banco Mundial

O balanço das realizações do Banco Mundial revela o mesmo tipo de interrogações. Não é surpreendente tenha o Banco Mundial conseguido atravessar esse período contentando-se em continuar o desenvolvimento de suas atividades habituais, sem conseguir, na realidade, adaptar seus financiamentos aos problemas de ajustamento estrutural das economias endividadas ou aos programas de urgência para a África? Assim, sem modificar seus estatutos e mesmo sem pedir aos orçamentos nacionais contribuições muito maiores, poderia ter tomado resoluções que facilitariam de maneira notável o financiamento dos países em dificuldade, encorajariam os bancos internacionais a retomar a concessão de empréstimos e melhorariam as condições a serem enfrentadas pelos governos beneficiários. Basta citar, a este respeito, a proposição de criar, paralelamente ao aumento do capital do Banco, um procedimento de empréstimos-país mais adaptados às necessidades atuais que os empréstimos-projetos, instrumento habitual de sua ação.

Recusa de alocação de Direitos

Especiais de Saque, tergiversação em relação ao papel do Banco Mundial — sem lembrar a lamentável limitação de nove bilhões de dólares da reconstituição da AID e o abandono ao qual a África foi relegada — são manifestações de nossa incapacidade de utilizar plenamente os instrumentos existentes para encontrar meios mais garantidos para sair da crise.

A este respeito, defino com clareza minhas convicções. Esse enfraquecimento dos instrumentos multilaterais de financiamento advém da recusa dos grandes países industrializados em participar de esforço orçamentário suplementar — limitado mas indispensável — em favor do desenvolvimento. Eventualmente se pode subordinar esse esforço a regulamentações mais rigorosas, para evitar abusos que desacreditaram algumas formas de ajuda perante a opinião pública. De qualquer modo, não poderemos prescindir deste esforço. Acredito que esse esforço de financiamento público é fundamental para criar condições para o desenvolvimento dos investimentos particulares.

Existe, para os países industrializados, questão que não pode ser esquecida. Os créditos de ajuda foram frequentemente sacrificados em nome da necessidade urgente de restabelecer o equilíbrio orçamentário. O agravamento da situação dos países mais pobres exige, entretanto, a revisão desta opção. Além disto, em termos de PIB, este esforço não é custoso em demasia para os países industrializados. Estamos todos convocados a participar desse esforço, principalmente aqueles dentre nós que mais avançaram no processo de correção orçamentária. Tal mudança não poderia contribuir para reduzir a pressão da opinião pública, que não compreende o empenho de seus dirigentes em eliminar os últimos pontos do déficit de seu orçamento, ao mesmo tempo em que a taxa de desemprego não diminui e a fome ronda suas portas?

Na verdade, a lentidão da tomada de consciência neste terreno é espantosa. Por outro lado, ela evidencia a precariedade do diálogo internacional. Neste ponto também são necessárias mudanças.